



AQUI ESTÁ MEU CORPO
HERE IS MY BODY

Ana Gabriela do Vale Gomesⁱ
UFPB
Associado/a/e ANPAP: **Não**

Resumo: Este ensaio se propõe a investigar as narrativas do corpo DEF, crônico, da doença como experiência de vida, onde todo corpo está exposto, de nossa finitude e vulnerabilidades. Como desenrolar do novelo que se embaraça de concepções impostas ao corpo? Exponho a necessidade das minhas subjetividades atravessadas por outras narrativas DEFs e raras. Para não mais desembaraçar o novelo, mas, unir linhas que equilibram e são ponto de encontro das singularidades. Andanças que não se contradizem, são pontos de encontro com geografias dissidentes. Formas de dizer: "aqui está o meu corpo".

Palavras-chave: Arte DEF, Artes Visuais, Dissidências, Cultura DEF, Arte Digital.

Abstract: *This essay aims to investigate the narratives of the DEF body, chronicles, of the disease as a life experience, where the entire body is exposed, of our finitude and vulnerabilities. How to unfold a romance that is entangled with conceptions imposed on the body? I expose the need for my subjectivities to be crossed by other DEF and rare narratives. To no longer untangle the romance, but to unite lines that balance and are a meeting point for singularities. Journeys that do not contradict each other, are meeting points with dissident geographies. Ways to say: "here is my body".*

Keywords: *CRIP Art, Visual Arts, Dissidence, CRIP Culture, Digital Art.*

Aqui está o meu corpo

*Aqui está o meu corpo
Na hora do acidente
onde não houve acidente.
Você não tem escolha,
A escolha vem depois*



(Sarah Kane)

Tentar desembaraçar essa bola de barbante gigante... Eu sei que você não tem ideia se é só uma linha ou várias completamente embaraçadas, você não sabe onde qualquer uma delas começa, onde termina. Depois de um tempo tudo começa a parecer a mesma coisa. É uma bagunça exaustiva, mas você tenta desenrolar de qualquer maneira porque elas não servem pra ninguém assim emboladas...

Tento desenrolar entre novelos e linhas a narrativa de uma história que não sei contar, mas que é minha. É minha, mas é também nossa, de um corpo coletivo que passa a me habitar e atravessar na descoberta da deficiência. Formulo e reformulo quem eu sou, quem nós somos, corpos impossíveis caçando as possibilidades de (r)existência num mundo inacessível, insensível à multiplicidade de funcionamentos (estar no mundo). Estabeleço a cama como território político e a doença como território poético e assumo um tom de doçura radical como arma.

Aqui falo de um corpo DEF, mas também de um corpo crônico. A doença é uma experiência de vida à qual todo corpo está exposto, somos mortais, somos finitos e todos temos uma vulnerabilidade oculta que nos acompanha. Doença crônica é aquela que não tem cura e ela desafia muito a compreensão e a empatia das pessoas "saudáveis". Ela é constantemente confrontada com as concepções pré-estabelecidas em uma sociedade onde se criou que existe um corpo hegemônico e saudável que é o ideal de se alcançar. Se não conseguir, você se torna culpado por falhar. Susan Sontag (1984) diz que é "quase impossível residir no reino dos enfermos sem ser influenciado pelas metáforas sinistras com as quais eles pintaram sua paisagem". Qual seria então melhor forma de conviver com a doença e as geografias que habitamos? Como desenrolamos esse novelo que também se embaraça de concepções impostas ao corpo?

Passamos do castigo divino ao castigo corporal por nossas más ações ou "atitudes erradas" em relação à vida. Não é surpresa que muitas pessoas se sintam envergonhadas de seus diagnósticos. São as perspectivas que prevalecem com o tempo e que deixam claras as ideias impostas sobre o que significa estar doente. Porém, entre as metáforas sociais e as categorias médicas, existe uma lacuna que sinto necessidade de preencher com as minhas próprias subjetividades e metáforas atravessadas também por outras narrativas DEFs e raras, para viajar por aquelas paisagens a que se refere Sontag. Para não mais desembaraçar o novelo, mas juntar as linhas que nos equilibram e se fazem ponto de encontro das singularidades.

Andanças através das sensações que nos habitam e que não procuram traduzir a corporeidade numa linguagem limitada de ideias e categorias, mas em paisagens habitáveis e outras infernais que se acompanham, mas não se contradizem. Que se tornam pontos de encontro com outras geografias dissidentes. Outras formas de dizer: "aqui está o meu corpo".

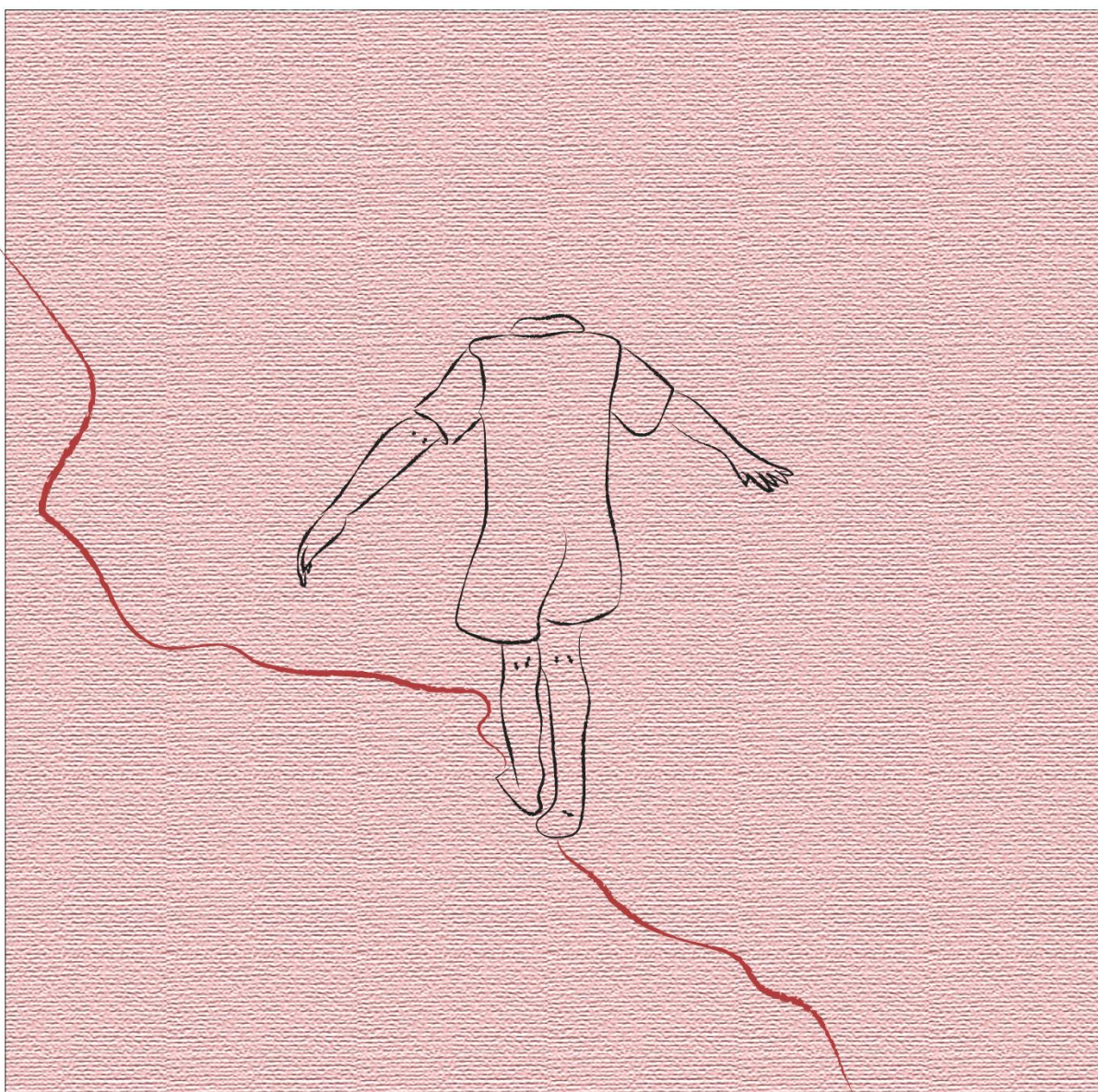


Imagem 1. Ana do Vale, Aqui está meu corpo, Ilustração Digital, dimensões variáveis, João Pessoa, 2024.

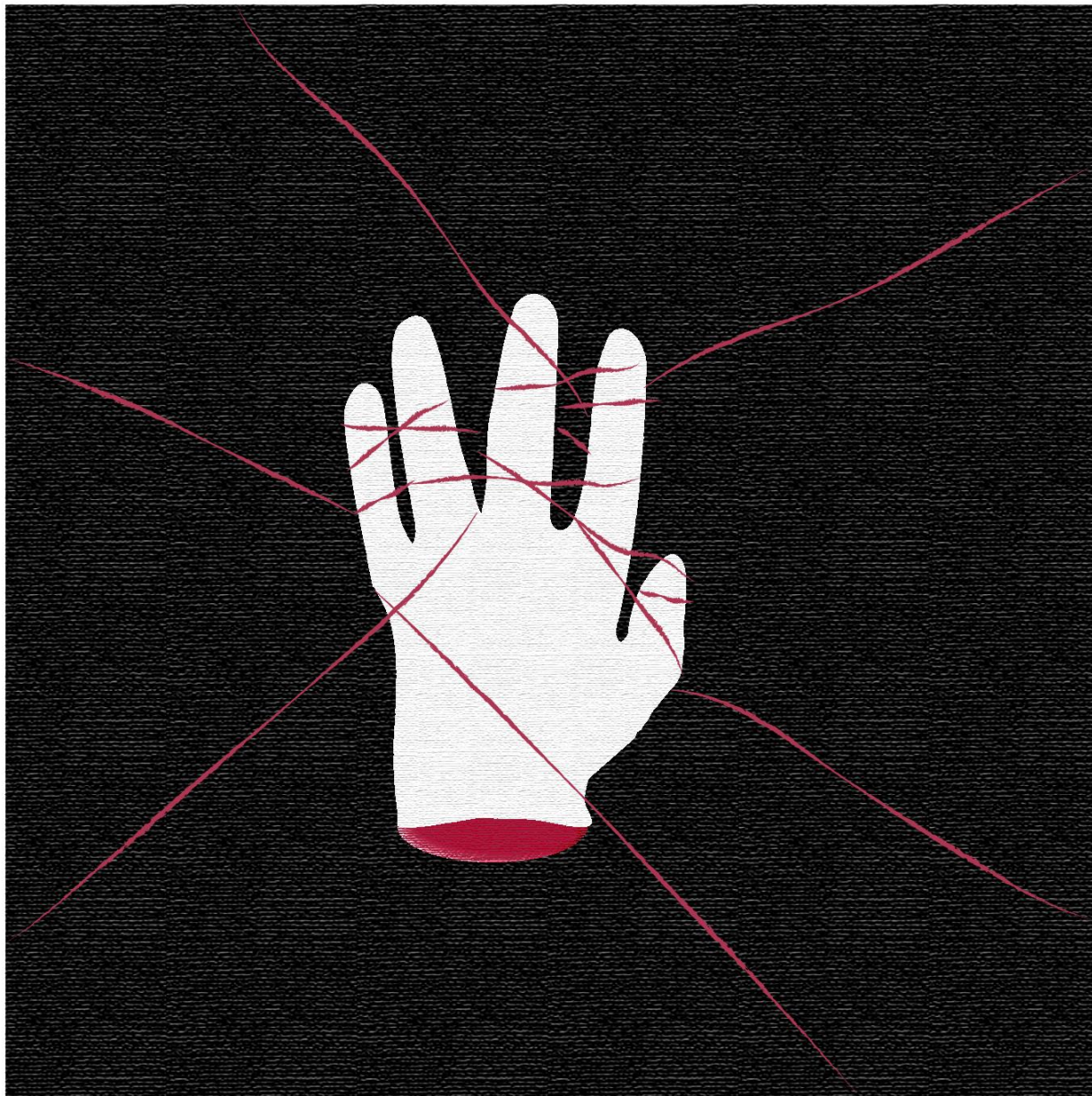


Imagem 2. Ana do Vale, Aqui está meu corpo, Ilustração Digital, dimensões variáveis, João Pessoa, 2024.

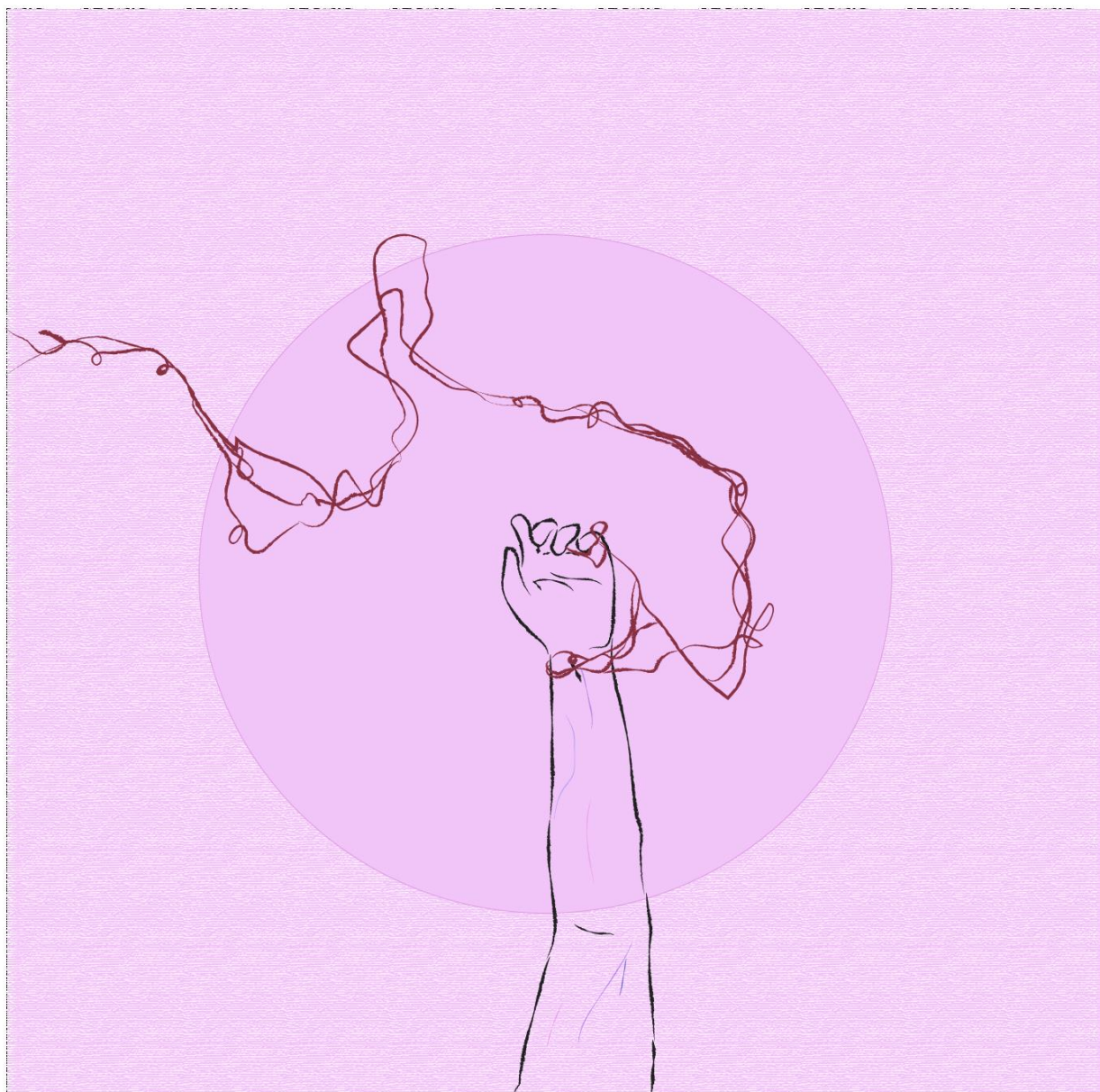


Imagem 3. Ana do Vale, Aqui está meu corpo, Ilustração Digital, dimensões variáveis, João Pessoa, 2024.



Imagem 4. Ana do Vale, Aqui está meu corpo, Ilustração Digital, dimensões variáveis, João Pessoa, 2024.

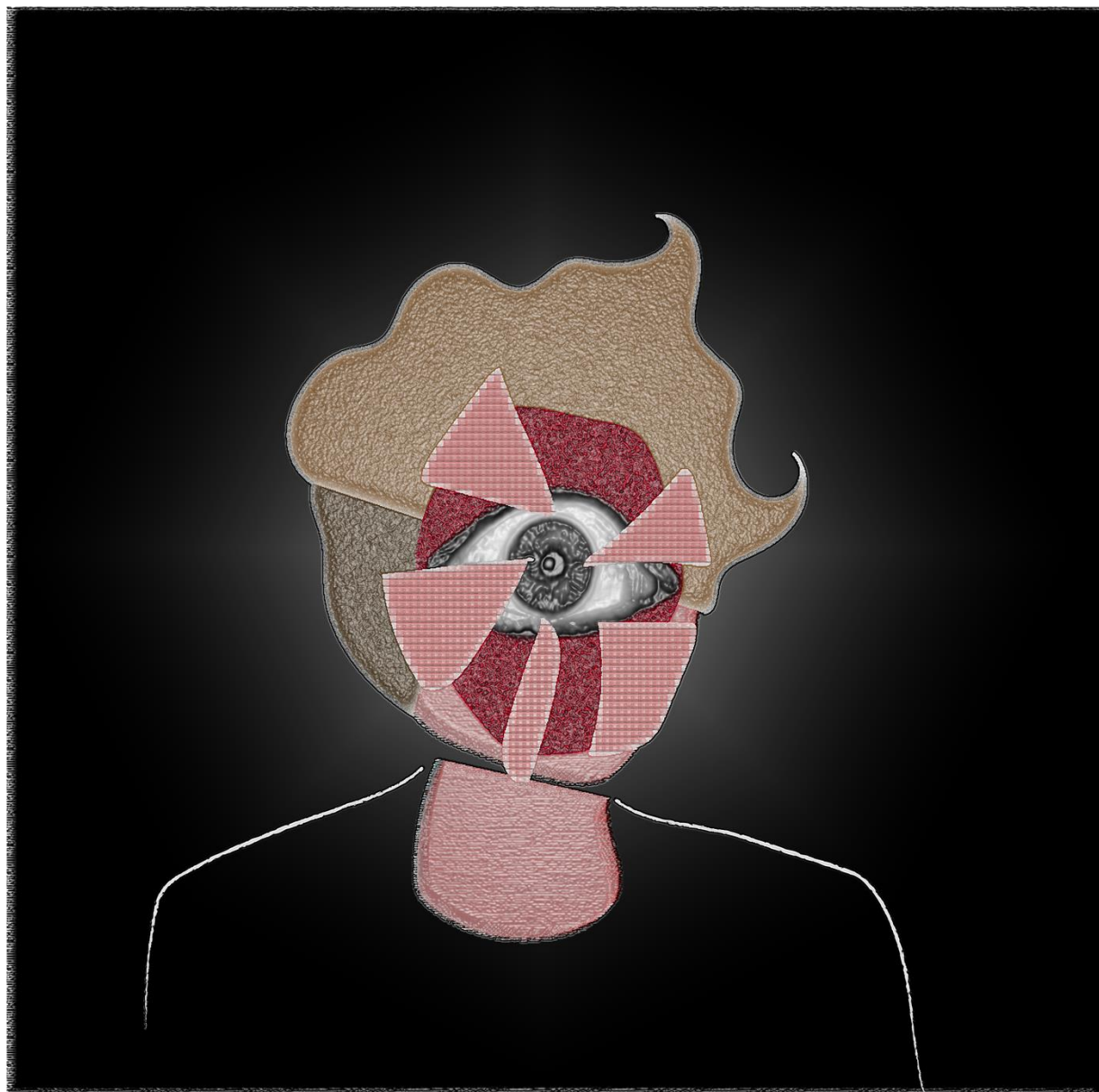


Imagem 5. Ana do Vale, Aqui está meu corpo, Ilustração Digital, dimensões variáveis, João Pessoa, 2024.



Imagem 6. Ana do Vale, Aqui está meu corpo, Ilustração Digital, dimensões variáveis, João Pessoa, 2024.

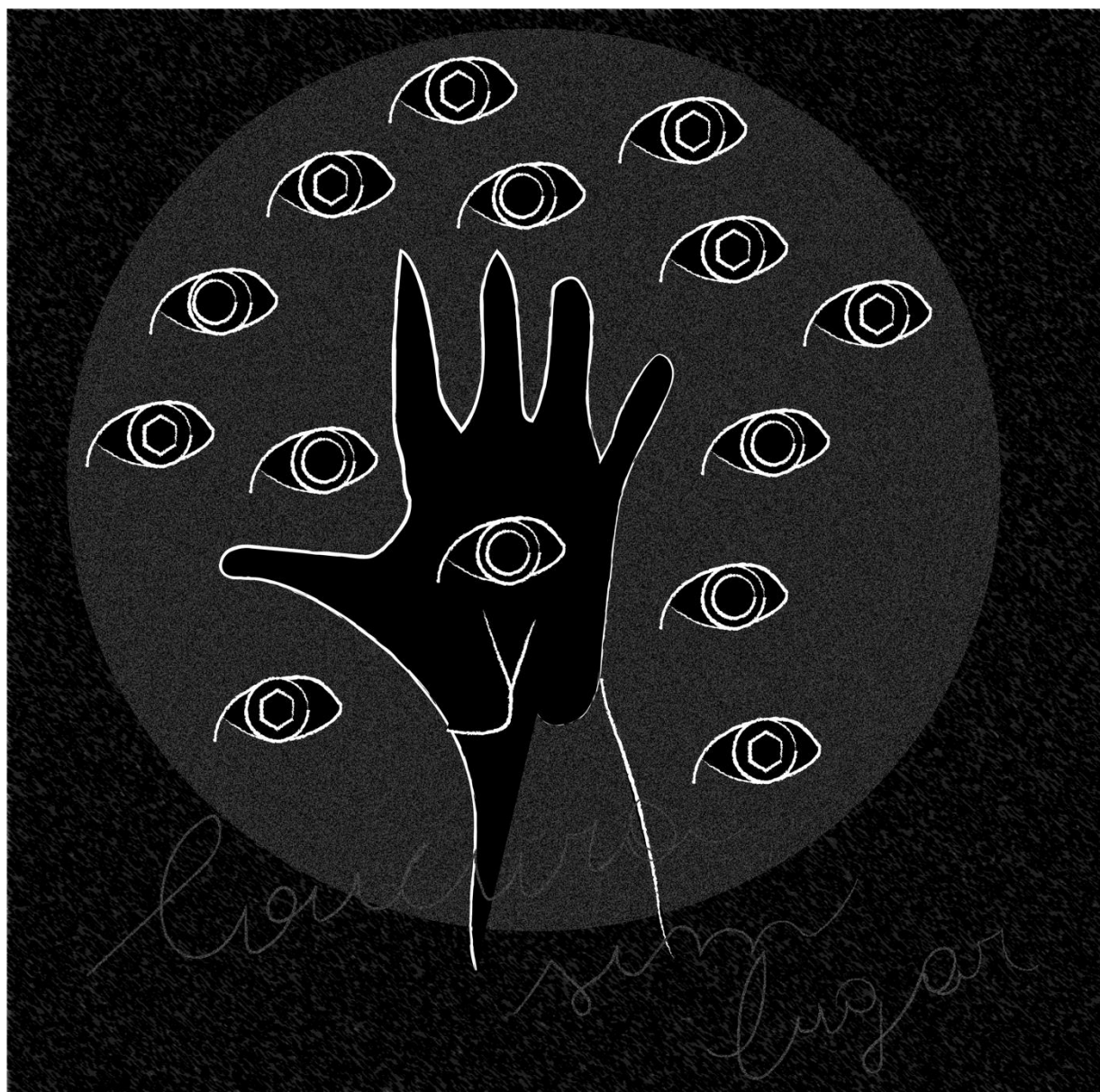


Imagem 7. Ana do Vale, Aqui está meu corpo, Ilustração Digital, dimensões variáveis, João Pessoa, 2024.

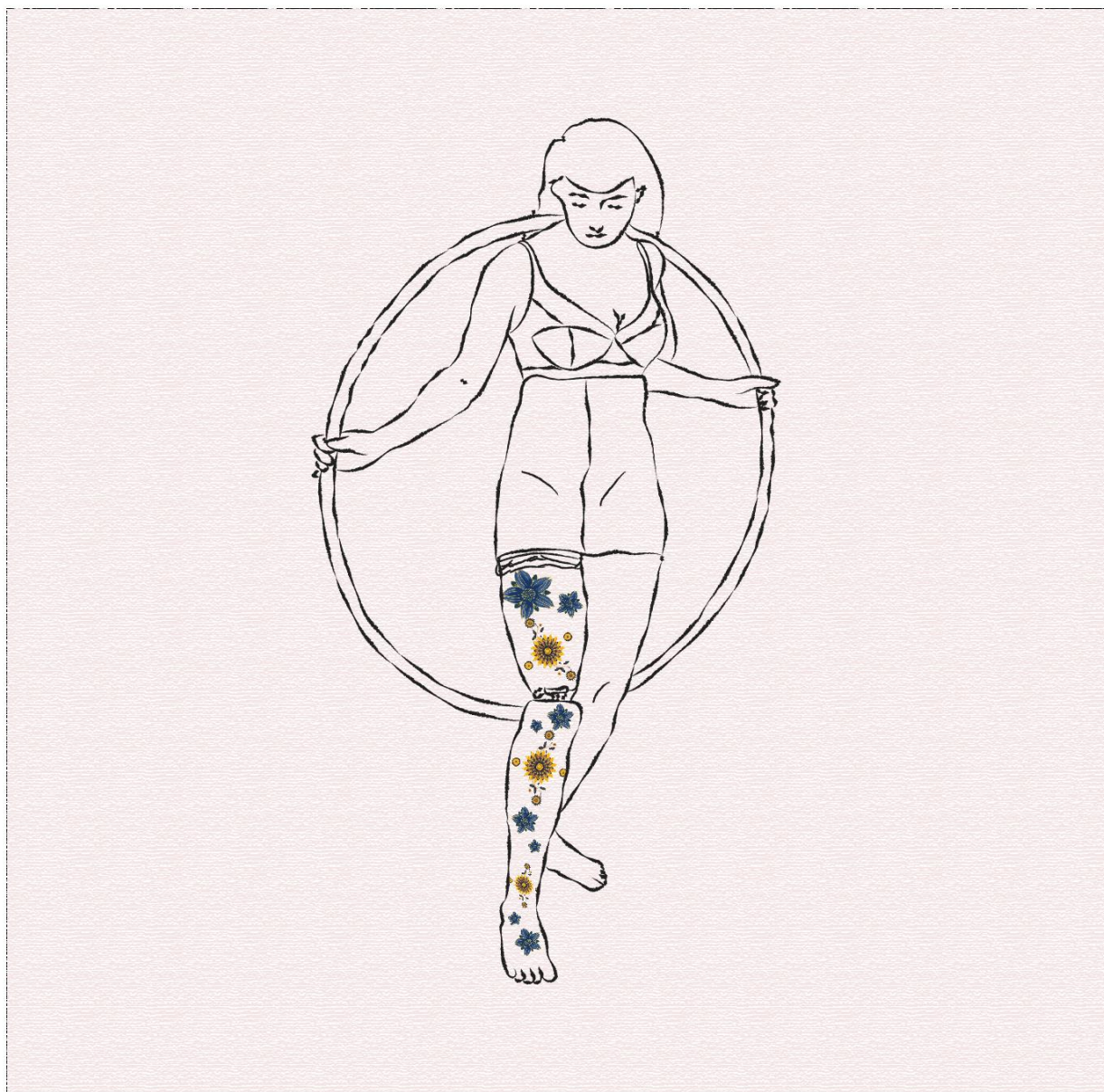


Imagem 8. Ana do Vale, Aqui está meu corpo, Ilustração Digital, dimensões variáveis, João Pessoa, 2024.

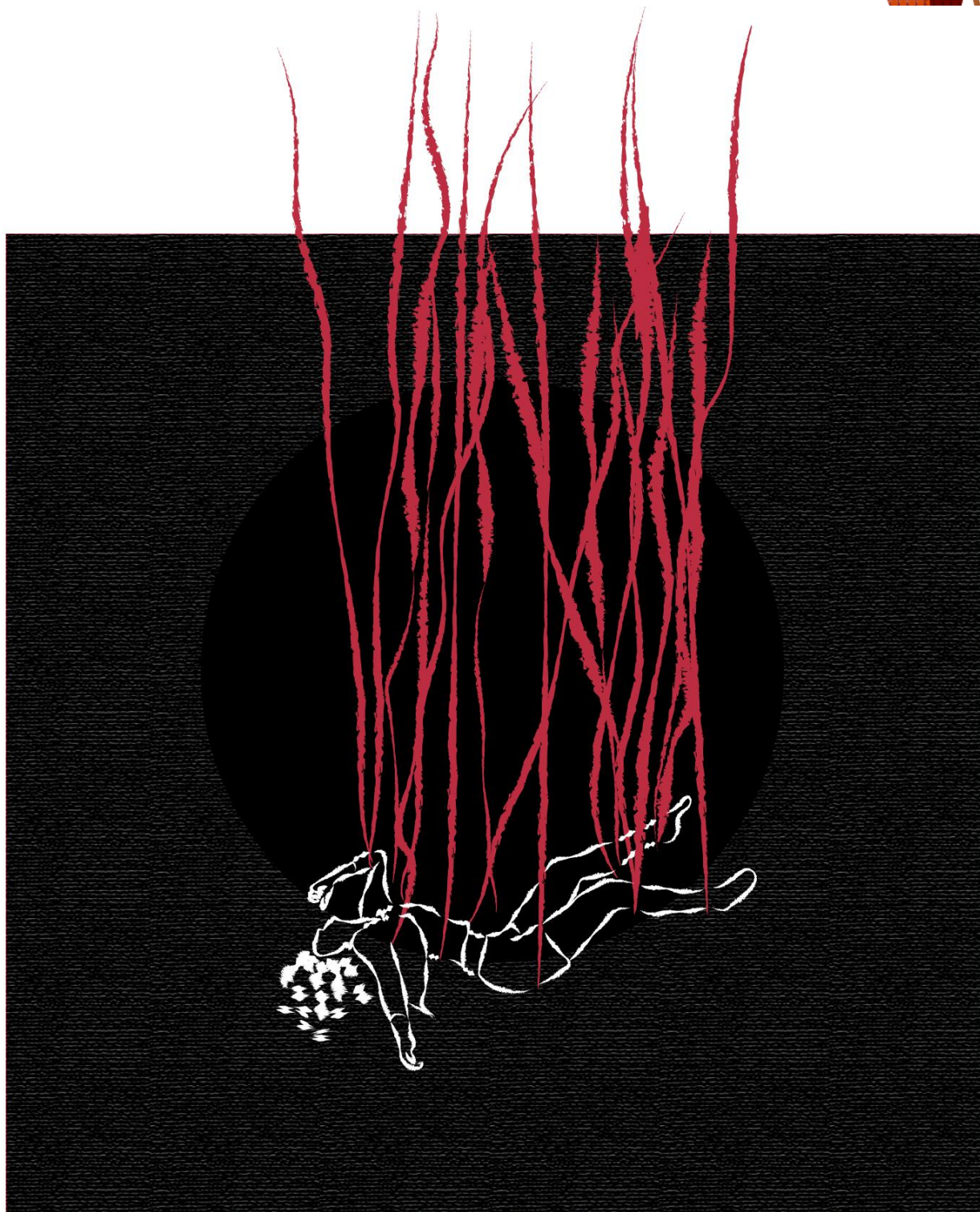


Imagem 9. Ana do Vale, Aqui está meu corpo, Ilustração Digital, dimensões variáveis, João Pessoa, 2024.

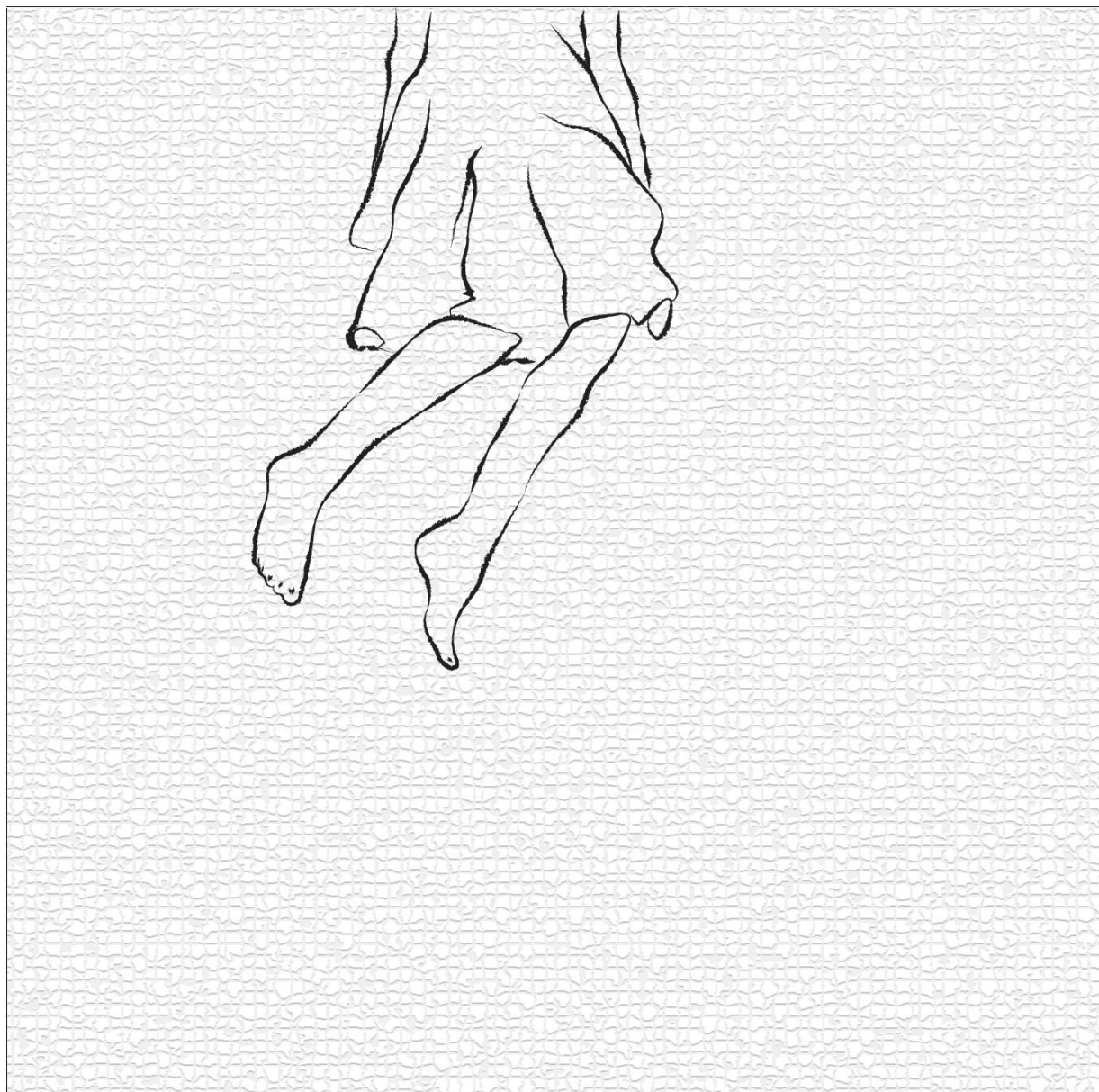


Imagem 10. Ana do Vale, Aqui está meu corpo, Ilustração Digital, dimensões variáveis, João Pessoa, 2024.



Referências

GUERRA, Itxi. Luta contra o capacitismo: anarquismo e capacitismo. Editora Terra

sem Amos: Brasil, 2021.

KAFER, Allison. Feminist, queer, crip. Indiana University Press. Bloomington and Indianapolis, United States of America. 2013.

KANE, Sarah. Psicose 4:48. Trad. Willian André e Lara Luiza. Oliveira Amaral. Online (arquivo digital disponível em: literaturasuicidio.wordpress.com).

SONTAG, Susan. A doença como metáfora. Tradução de Márcio Ramalho. Rio de Janeiro: Graal, 1984.

ⁱ Ana do Vale, graduanda em licenciatura em Artes Visuais (UFPB), bolsista PROLICEN 2024 (UFPB), estagiária no Memorial Abelardo da Hora (FUNESC), integrante do grupo de pesquisa Artes, Museus e Inclusão (Cnpq/UFPB). Email: ana.gvale@hotmail.com Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5716621257690050>